



1º CONCURSO FOTOGRAFICO

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL DE PARACATU
— 2026

O LUGAR QUE SOMOS

Território, Memória & Pertencimento

TEXTO DE INSPIRAÇÃO 2

A forma como testemunha da existência em algum lugar do tempo

O tempo é mesmo intrigante. Sua passagem tem o poder de construir e destruir. Parar para pensar a existência humana, no fluir da história, e os vestígios e memórias que ficam, é motivo que leva a reflexões essencialmente existencialistas.

Às vezes, restam memórias delicadas, como pegadas efêmeras na areia. Outras tantas vezes, são intensas e ficam para sempre cravadas, como uma cicatriz, em algum lugar profundo da existência.

Mais impressionante ainda é pensar que estamos todos dentro de um pequeno planeta, uma esfera inquieta, que gira o tempo todo em torno de si mesma e, ao mesmo tempo, em torno do Sol, no universo infinito, repleto de outros elementos desconhecidos.

É desse ser humano que pretendemos “falar” no concurso fotográfico. Enxergar a existência na história. Perceber a ação e a inter-relação dos indivíduos consigo próprios, com os outros e com os lugares por onde transitam.

Quando se projeta um fecho de luz em uma cena ou em um objeto, torna-se sedutora e envolvente a possibilidade de enxergar para além da forma visual e encontrar a grandeza de um mundo profundo e cheio de significados.

Delimitando essa cena e aproximando-a de universos mais específicos, como, por exemplo, as vivências típicas do sertão mineiro, podemos entender modos de vida que construíram parte da história em um tempo e contribuíram definitivamente para a construção da identidade cultural de uma gente.

“Um dia, lá no alto da serra, seu pai, homem austero, de costumes conservadores, lhe disse:

“Vai, atrela os bois no carro de bois maior, põe tudo o que vai precisar nos primeiros dias e pode descer a serra. Depois você volta pra buscar mais coisas.

Foi assim que Raimundo se lançou na sua nova vida de casado.

Seus principais pertences couberam em um carro de bois que, entre um buraco e outro da velha estrada de terra, seguia pesado, numa toada lenta, que se fazia menos monótona quando o som que saía das suas engrenagens ecoava pelo longínquo sertão mineiro.”

Essa cena desenha personagens típicos de uma história real. Parece até que saiu do registro de um dos livros de Afonso Arinos, escritor nascido em Paracatu, que viveu entre o final do século XIX e o



1º CONCURSO FOTOGRAFICO

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL DE PARACATU

—◆— 2026

O LUGAR QUE SOMOS

Território, Memória & Pertencimento

início do século XX e, pioneiramente, deu visibilidade aos modos de vida de gente simples, corajosa e trabalhadora, que abriu picada e fincou morada no longínquo e inóspito sertão mineiro.

Em seguida, surge, potente, Guimarães Rosa, que compartilha o mesmo território temático de Arinos: o universo do homem sertanejo, suas falas, sua ética e sua poética. É por isso que podemos arriscar afirmar que Rosa “bebeu na fonte” de Arinos, especialmente no livro Pelo Sertão, em que Arinos consolida o sertão como tema literário, e Rosa o transforma em linguagem e pensamento.

A fotografia, nesse contexto e em outros contextos possíveis, não captura imagens: ela testemunha relações entre o ser humano e a matéria, entre o indivíduo e o coletivo, entre o tempo vivido e o tempo que se dissolve. Cada enquadramento é uma tentativa de compreender como nos situamos nesse tecido maior, não como centro, mas como parte.

Transpor juntos os muros invisíveis, mesmo que ainda não tenhamos consciência deles, é proporcionar encontros e nos tocar pelo olhar.

Observar, refletir, desvelar modos de vida, criar uma forma de escuta e redescobrir o que ainda pulsa forte em nós, reconectando-nos com o entendimento de que somos parte de um único organismo, forte e potente.

Maria do Socorro de Melo Martins

Curadora